Capítulo 13: O Circo

I. ***O Circo: As Fantasias, os Fantasiados e a Costura***
II. *O Circo: Os Malabarismos da Distração*
III. *O Circo: A Corda Bamba e as Sombras*

I. O Circo: As Fantasias, os Fantasiados e a Costura

Nestes trechos vamos abordar vários temas.

Nesta primeira parte — vamos explorar principalmente a função do trauma, em particular em relação ao processo do despertar dentro deste plano.

Precisamente tentar entender o propósito funcional e a origem destas feridas — e ver como acostumamos utilizar fantasias parar cobrir as mesmas.

Na esperança de se curar ou procurar alguma forma de alívio.

Acrescentando e costurando peças ao longo do caminho quando necessário.

Vamos observar como o trauma — tem um enorme valor estrutural.

Justamente vamos examinar o trauma desde uma perspectiva impessoal — e ver como serve propósitos menos evidentes.

Propósitos que já sugerimos antes e merecem ser aprofundados mais em detalhe.

Vamos entender como tudo se reduz numa velha receita caseira deste reino.

Depois de entregar a receita — vamos entrar gradualmente num circo.

Inicialmente vamos ver a função das fantasias — essas que todos de nos utilizamos neste circo.

Aqui ninguém escapa — todos quando pagamos o nosso bilhete de ingresso do circo, aceitamos colocar uma fantasia.

O importante em todo caso é saber vestir as roupas sem se confundir com elas.

Uma vez que entendemos como nos mesmos — costuramos essas fantasias aos poucos desde que entramos no circo.

Vamos ver como elas acabam atrapalhando — muito mais do que proporcionam alívio.

Depois desta passagem, vamos tentar nos livrar das mesmas.

Tentar nos preparar para encontrar alguém eterno, familiar e autêntico no espelho.

Esses, entre outros — vão ser os temas principais desta primeira parte

“As Fantasias, os Fantasiados e a Costura”

Já na parte final deste último capítulo do livro — em trechos posteriores.

Vamos entender o que acontece quando tentamos nos livrar das fantasias.

Se aproximar no espelho e fazer a pergunta mágica — fazer o movimento proibido.

Quando a gente se acha próximo de fazer este movimento — vamos ver como o circo revela a sua natureza dinâmica, sintética e artificial.

Como inicialmente tenta nos seduzir de forma “natural” para ficar dentro dele.

Com todo tipo de distrações, atracões novas — e inclusive promotores.

Se revela de menos a mais — inicialmente de forma inocente.

Eventos e sucessos que parecem inclusive coisa do “destino”.

Por fim na parte final deste último capítulo — vamos a ver o que acontece quando recusamos de ser seduzidos pelo circo.

Ver como ele entra em pânico existencial — revelando essas surpresas de sabor sintético.

Neste caso, quando se rejeita a tentação — o circo tenta nos coagir.

Tentando nos levar dentro de algo parecido com uma casa assombrada.

A última atracão para nos distrair.

Na base do “medo difuso” — nos fazendo deslocar rios de atenção no externo.

Vamos ver tanto malabarismo e tanta acrobacia que provavelmente vai deixar tontura.

Provavelmente nem seja necessário para todos ler este capítulo.

Pois são assuntos — que em certa medida todos conhecemos.

E não duvido vários leitores já reconhecem intuitivamente.

Embora a maioria de nos tem vivenciado de forma fragmentada — e superficial.

Temos percebido já — faz tempo inclusive — apenas por “partes”.

Precisamente por isso vamos fazer questão de ilustrar os exemplos mais “extremos”.

Ao ver o quadro o completo, mesmo se denso ou saturado — o evidente se revela.

Conforme nos aproximamos no final vamos entender como desde tempos antigos — pouca coisa tem mudado por aqui.

Pintaram e colocaram alguns novos enfeites neste velho carrossel — e fica tão repetitivo e cansativo quanto sempre tem sido.

Aqui no circo nada inventam — todo copiam e todo reciclam.

— Examinando as peças da máquina e engrenagens.

Já vimos em passagens anteriores — que quando se vive focado no trauma, viramos quase escravos do mesmo.

Entre várias outras coisas — ele nos torna clientes compulsivos, presos em ciclos repetitivos e agindo previsível.

Nessa vida sedentária que dizem ser “natural”.

O trauma não só vira identidade — quanto vira ferramenta de controle.

Já exploramos também — como ele impede a integração consciente do Ser.

Gerando culpa e vergonha, o sentimento de ser “ruim”, etc.

O combo perfeito para uma indigestão existencial que pode durar uma vida inteira.

Também observamos — como o sofrimento vem sempre misturado com recompensa.

Pois isso força e cria lealde artificial ao circo — vendedor, promotores e o sistema inteiro.

Sofrimento junto com recompensa vira lealdade.

Do melhor tipo — lealdade quase inabalável.

Em particular — esses três fatores acima mencionados.

sofrimento junto com recompensa — culpa não processada — trauma

Estão fortemente interlaçados e interconectados — um existe acima do outro.

E cumprem mais de um propósito — todos propósitos desejados e funcionais para o entorno local.

São peças fundamentais da máquina.

O sofrimento — é a fonte de energia, a matéria bruta.

Quando devidamente tratado e refinado — o produto final vira ouro.

E tem receita caseira para isso sim — muito fácil de produzir, é tradição da casa.

Mas antes disso vamos olhar olho nos olhos na máquina.

De forma impessoal e sem reservas.

Vamos dar uma olhada de forma mais clara — sem rodeios.

O sofrimento e a dor — são o tanque de gasolina.
A culpa e vergonha — são o carburador.
O trauma — o motor principal da máquina

A máquina nunca pode parar — embora esteja travando ultimamente.

Ainda bem que existem outros lugares onde viver longe dela — e não obstante, em quanto permanecemos dentro deste plano.

Muitos confundem o barulho das revoluções da engrenagem com "vida".

Sofro — logo existo.
O mantra por excelência deste reino.

— Entregando as receitas da casa

Todos estes elementos juntos — têm mais de um propósito funcional altamente desejado.

Destes três elementos — talvez seja a culpa junto com a vergonha, aquele de mais relevância.

A culpa serve como elemento alquímico — o insumo segredo e transformador.

Tudo começa pelo sofrimento — o elemento mais forte que nos faz acreditar e se apegar nesta realidade.

Esse sofrimento que justifica a existência e faz o artificial se sentir “real”.

Justamente, sofrimento nesta terra há em abundância — tem matéria prima para dar e regalar.

Mas o sofrimento por si só não serve — ele precisa ser processado, refinado e destilado — em algo útil.

Aqui entram a culpa e a vergonha — o catalisador mais eficaz.

A velha receita da casa é simples demais.

Pegue um balde de sofrimento, adicione uma xícara inteira de culpa — remexa bem com uma colher.

Não esqueça de adicionar um fio constante de vergonha — caso quiser acelerar o processo.

Se tiver pressa— ou no caso, para maior efeito e deixar mais gostoso.

Coloque num ambiente inóspito — temperatura no extremo, mesmo.

Frio ou quente tanto faz — depende dos gostos.

Deixe repousar por um tempo.

Se sobrar uma garrafa de vergonha em casa — dessas que sempre tem na despensa.

Pode sempre adicionar a mais — pois acelera o processo e fica uma delícia.

Assim nem precisa fazer muita coisa a mais.

Agora é só esperar fermentar e macerar — o resto faz sozinho.

Só um pouquinho de paciência.

Até por fim conseguir o manjar final tão desejado.

O manjar dos deuses.

O tão valioso trauma — o ouro deste mundo.

E assim que encontrar outra xícara de culpa e um bocado de vergonha — já pode começar fazer mais.

Atrás de toda aldeia nesta terra há sempre um rio de sofrimento.

Sem esse insumo elemental na receita — simplesmente não dá, não há produto final.

Sem feijão — não tem feijoada, dizem por aqui.

Se não tem vergonha ou culpa na despensa — melhor nem tentar mexer.

Pois se pôr a ferver sofrimento sozinho — o resultado contrário do esperado, pode acontecer.

Todo cuidado é pouco.

Isso aqui é proibido — sofrimento sem distração é uma combinação explosiva.

Por isso nessa terra inventaram a receita infalível da casa — fácil de fazer.

Dá sempre certo — apenas três ingredientes são precisos.

Se esquecer de colocar culpa no processo — desligue logo mais o fogão, antes de explodir na sua cara.

Uma tragédia pode suceder.

Sofrimento sem culpa é perigoso — pois pode gerar lucidez.

Muito bom — delícia mesmo.
Tradição da casa.

A receita caseira tem sido entregue — a importância dos insumos e o valor da culpa e vergonha tem sido ilustrados.

Caso não achar culpa ou vergonha na sua despensa.

Não desespere — tem sempre onde achar a mais.

Vamos ver justamente onde — está sendo preparada neste momento.

A culpa e vergonha tem receita também.

Veja bem —

De forma estranhamente “curiosa”.

A culpa está presente e arraigada — por todo canto que você olhar.

Vamos ver as fontes mais comuns brevemente.

Essas mais accessíveis — e produzidas em massa.

Nem precisa ir muito longe para achar — na igreja da sua esquina tem.

Por exemplo justamente no mundo da religião — o que mais há é sentimento de culpa, misturado com vergonha.

Inclusive apenas por existir — o famoso pecado original.

Em algumas religiões chamam de pecado — outras de karma e assim vai.

O nome do prato muda — mas o sabor é sempre o mesmo.

De fato por sua vez — quase toda organização e instituição deste mundo — embora não tenham um termo desses.

Têm um manual ou código moral de algum tipo — a ser seguido ao pé da letra.

Sempre com o mesmo desfecho.

Mesmo se as vezes sejam formas de se comportar não ditas — implícitas, se traduz sempre na mesma coisa.

Se a pessoa vacilar — esbarra logo de cara na culpa e mancha com vergonha.

Outra receita muito típica neste reino, que produz um doce muito pedido — vimos já antes.

Ela vem também sempre feita acima do ingrediente base — o sofrimento.

Sofrimento misturado com recompensa — o mais vendido deste reino.

Essa receita é tão popular e caseira — que ela é preparada e degustada em todo canto.

Desde a vida pessoal, trabalho, lazer — até religião.

E dizem que no após vida também há — delícia.

O procedimento é aquele que vimos antes na loja dos caramelos — nem precisamos abordar de novo.

Sempre a mesma coisa — reciclada.

Comer um par de pedacinhos com sabor azedo na “moral”.

É só engolir logo o ranço de graça — logo o vendedor compensa.

Mais para frente vai dar certo — prometo.

E acima de tudo — “Acredite, não desista”.

Coma os suficientes e antes de vomitar.

Ganhe um biscoitinho de chocolate — para não passar mal e se sentir valorizado.

A combinação mais vendida — popular e comum neste circo.

Por exemplo, tem outros biscoitinhos azedos com nomes bonitos também.

Chamados de — “abençoado, gratidão, mérito, esforço” e assim vai.

Vem combinado com biscoite de chocolate mais na frente — assim dizem e prometem.

Reservado para os campeões mais resilientes — ou será que é só para os obedientes?

Têm para todos os gostos — mas ninguém escapa de engolir logo a dor.

Existem outras receitas também.

O que podemos observar em todas as receitas — elas têm como ingrediente base o sofrimento.

O conceito é sempre o mesmo — e uma vez que foi visto, fica chato e repetitivo de remexer.

Todos sempre feitos com o mesmo ingrediente base por trás.

.

Sofro — logo existo.
O lema por excelência deste plano.

— ***A Fantasia do Trauma e o Trauma Fantasiado***

Vamos deixar o cheiro ruim dessa cozinha por trás — e olhar desde outra perspectiva.

A culpa e o trauma são os estados preferidos — pois fixam identidades.

Servem como âncoras existências — que contam com uma narrativa pessoal.

Por sua vez interiorizada pela pessoa como identidade definitiva — e assunto pessoal, até motivo de orgulho.

Embora seja em vez — um produto vindo de circunstâncias externas — efeito direto do próprio circo.

Vamos ver isso de forma um pouco mais íntima e pessoal — deixar o abstrato do lado.

Veja bem —

Muitas pessoas neste reino têm criado a própria história de vida — acima de algum evento marcante.

Ou melhor dito, uma sequência de eventos marcantes — com um par destes que servem como eixo central.

Geralmente algum evento canônico daqueles — que nos marca profundamente, muitas vezes justamente traumático.

Muitas máscaras — mesma fonte.

Se a gente aqui dentro do circo — se ver como uma máscara, personagem ou melhor inclusive — uma figurinha de ação, fica mais fácil de explicar e enxergar.

Quando entramos no mundo — entramos literalmente nus, e a figurinha de ação também.

E diga-se de passagem — entramos livres de toda culpa.

Inevitavelmente, com o passar do tempo — a vida vai deixando marcas, produto das muitas adversidades.

E isto acaba se traduzindo em aflições variadas — algumas mais dolorosas do que outras.

São precisamente nestes momentos — que se molda a personalidade e por extensão, o personagem.

Moldes criados e inventados acima de circunstâncias externas.

Uma espécie de necessidade de sobrevivência emocional — que organiza quem *achamos* que somos.

Retomando o exemplo de pensar nos personagens que encarnamos, como uma figurinha de ação — e assim poder ilustrar de forma mais simples.

Ao passar do tempo, a necessidade de colocar uma roupa, uma fantasia — vira inevitável.

Ninguém na sua sã consciência — vai arriscar ir nu pelo mundo mostrando o seu lado mais cru e vulnerável — pois custa caro.

Ainda mais se consideramos que vivemos na terra das aparências e da vaidade.

Então com o tempo, geralmente ainda na mocidade — escolhemos uma fantasia.

Algum uniforme ou casca de proteção — parar cobrir o que não quer se mostrar.

E de forma mais importante — para tentar se proteger e se blindar do mundo.

Uma fantasia — a qual vamos construindo e moldando ao entrar na vida de adulto.

Sempre por meio de impulsos externos — e ajuda desses eventos marcantes.

Ela nasce como resposta — *quase* natural ao ambiente exterior.

Pois justamente se aprende logo que andar descobertos — sem proteção nenhuma — deixa feridas marcantes.

Então é preciso escolher logo uma fantasia — e assumir um papel.

Diversidade não falta — escolha sempre tem.

Começando talvez pela fantasia mais comum — a armadura de ferro, chegando até uma túnica mais ligeira.

Passando no meio por todo tipo de opções de fantasias e papéis para assumir.

As opções são muitas e variadas — literalmente personalizáveis.

Embora o vendedor acostume dividir as massas por segmentos.

Para poder assim gerir e administrar melhor — tema a ser visto depois em maior detalhe.

Pois fora as diferentes cores, peças distintivas — e enfeites de cada fantasia.

Todas nascem da mesma necessidade.

Todas cumprem a mesma função — tentar se blindar do exterior, se proteger.

Muitas máscaras — mesma fonte — externa.

Aquela espécie de necessidade de sobrevivência emocional — que organiza quem achamos que somos, isso que falamos antes.

Neste momento, quando finalmente escolhemos a fantasia e o papel — e aceitamos cegamente a falsa identidade.

É quando começa a confusão existencial — e grande parte do sofrimento que vem junto.

Esse confundir a vestimenta pelo Ser — aquele Alzheimer mental.

Mas isso acontece mais na frente — e nem necessariamente acontece para todos por igual.

Nem todos cansam das fantasias — nem todos acreditam nas mesmas, também não.

Alguns inclusive nem sofrem de Alzheimer — tem uns que gostam mesmo.

Pois é impossível negar que não tem gente que gosta de brincar fantasiado.

As fantasias cumprem um propósito funcional e útil — apenas dentro do circo.

Se confundir com a fantasia fica fácil — depois de tudo foi uma escolha pessoal.

Foi construída e costurada aos poucos de “livre escolha”.

Com o passar do tempo conforme as adversidades da vida vão se apresentando, acrescentamos com pequenas peças adicionais e histórias que vêm junto.

Se adaptando — e agregando camadas.

Moldando aos poucos a própria identidade e até por fim lapidar como identidade — “verdadeira e absoluta”.

E mesmo assim tem alguns que pressentiram a artificialidade desde crianças.

Justamente.

Andar fantasiado, tem um efeito muito prático — dentro deste circo chamado de vida.

Pois dão coerência a narrativa pessoal — justificam o personagem.

E muitas vezes dificultam qualquer mudança profunda.

Aquela cola viscosa — mais uma vez.

Sofro — logo existo.
O slogan por excelência deste plano.

Naturalmente, como continuamos dizendo ninguém quer se associar com as marcas e feridas — que deram origem a fantasia.

Melhor se associar com a vestimenta — o produto final.

Fica mais bonito e fácil de pensar assim — vira mais conveniente.

O jeitinho do circo — lugar das aparências e vaidade.

Mas todas as fantasias — foram criadas artificialmente para cobrir feridas e marcas.

Efeito colateral do entorno e quase uma una necessidade "funcional".

Mas se formos profundamente honestos — sendo justamente que a fantasia nasceu como uma necessidade.

Uma espécie de resposta exigida — produto do entorno e esses eventos marcantes.

Surge naturalmente uma pergunta intrigante.

Se eu não sou minhas roupas, nem as feridas ou marcas por trás — então, quem sou eu?

Quem somos então antes disso — antes dos mecanismos de defesa autoimpostos, exigidos pelo entorno?

Quem somos então — antes de virar um produto do entorno?

Essa pergunta é muito desestabilizadora — quanto provocadora.

Uma pergunta que provavelmente vale a pena explorar.

Uma pergunta que já exploramos no livro de distintas formas — e voltamos a abordar novamente.

Não apenas pela profunda importância da mesma.

Nem pela resposta libertadora que pode se achar — quando encarada com honestidade radical.

Menos pela familiaridade eterna — de quem voltamos a encontrar.

Mas sobretudo, porque falar do trauma — sem abordar novamente este assunto existencial, não seria completamente honesto.

Falar do veneno sem falar do trauma não adianta muito — muito pelo contrário.

Remexer com sal e vinagre — é assunto do vendedor — nunca nosso.

Como assim?

Um efeito evidente da culpa, vergonha e trauma — um resultado conveniente destes ingredientes.

É justamente impedir e bloquear esse tipo de perguntas — pois essas correntes são o maior obstáculo no caminho do despertar.

Podemos pensar na culpa como uma forma de autocensura — codificada e gravada no mais profundo da nossa mente.

Uma forma de censura — auto sustentada e auto regulada.

Programada na mente desde cedo — reforçada sistematicamente pelo entorno.

Simplesmente um mecanismo ativo de censura da consciência.

O maior obstáculo na "expansão de consciência"— sem dúvidas.

Quem pergunta e acredita ainda cegamente na fantasia — usa as suas cicatrizes e marcas, como história de vida sem perceber.

Pois quando se olha no espelho — pensa algo similar:

"Passei por uma sequela de vivências que me formaram.

E em relação aos eventos marcantes que passei.

Criei este personagem, escolhi esta fantasia — para caminhar diante ao mundo.

Tudo o que passei tem me formado — logo define a minha essência "

Ou algum pensamento semelhante passa pela cabeça do indivíduo — ao refletir sob quem ele *acha* que é.

E não tem nada de “errado” — pois tem uma funcionalidade sim.

Se trata de um relatório de sobrevivência existencial — na beira do funcional.

Quem pergunta em vez — suspeitando da artificialidade da fantasia, cansado dela ou simplesmente intui que no fundo é muito mais do que a casca externa.

Essa pessoa transborda a fantasia — e por fim as cicatrizes e marcas.

Consegue ver além — além do monólogo inicial.

Pois quando se olha no espelho — e escuta o repertório justificatório e no automático da fantasia.

Pressente e intui — que por trás do ruido deste monólogo e das palavras — não há substância.

Apenas palavras e histórias.

Por sua vez existe uma presença muito mais cálida e familiar por trás.

Alguém que brilha sem necessidade de ter que se explicar.

Uma serenidade e paciência — dificilmente vista dentro do circo.

E pode ser difícil de acreditar.

Pois se trata de uma presença sem necessidades de explicações.

Pode até causar uma sensação de se recolher — por um tempo.

Não pelo que se acha no espelho — extremamente familiar e conhecido.

E sim pela dificuldade em aceitar e por fim — conseguir integrar.

Pois aceitar implica não só largar a fantasia.

Implica eventualmente largar todas as narrativas e histórias que vem junto.

Após uma vida de ter passado dificuldades.

E vestir orgulhosamente as feridas como marca de resiliência, caráter e história.

Ou seja qual for — a narrativa que cada Um criou.

Em todo caso — quase todos temos uma história inventada para lidar com as próprias marcas.

A sensação acostuma ser a mesma — é muita coisa para largar de um dia para outro.

Se trata de uma bagagem emocional com sobrepeso — que virou normal.

Começar a andar sem esse peso se sente inicialmente algo estranho.

É complicado — é dizer pouco.

Pois vem também essa sensação — de se sentir um pouco bobo.

De ter tido a necessidade de inventar tudo isso — de andar carregando peso desnecessário e alheio por tanto tempo.

Pode causar vario tipo de sensações e emoções — inicialmente inconfortáveis.

E nem se fala como se sente.

Ao refletir do tanto de energia — que foi preciso para manter viva a fantasia.

É muita coisa para processar — e a cola pode machucar quando removida.

E aqui imagino muitas pessoas travam pelo desconforto inicial — preferem ignorar e esquecer.

Pois logo você reflete e se pergunta:

“Então tudo isso que passei não foi necessário?”

A resposta é mais difícil de aceitar ainda.

Porque fundamentalmente nem foi preciso — e ao mesmo também sim.

Foi “necessário” sim — de certa forma.

Pois senão — como teríamos chegado neste momento?

As vezes para alguns — é preciso vestir a fantasia até ver a mesma rasgar e expor os limites.

Caminhar e vestir até não prestar mais, mesmo.

E ao mesmo tempo também não é preciso — nem muito menos uma condição.

Pois toda pessoa — independentemente das vivências e experiências pessoais.

Sofrimento a mais, sofrimento a menos — história a mais, história a menos.

Toda pessoa é capaz de se erguer, olhar no espelho — lembrar e se reencontrar.

Quando isso se integra — vai além de toda forma de entendimento “racional”.

Se trata de uma compreensão profunda — que ultrapassa os limites da mente.

Uma reconfiguração inteira do sentido e forma de existir — uma velha forma de Ser.

— Encerrando e deixando o vestiário por trás

Vamos deixar o vestiário das fantasias do lado — e retomar o rumo.

Tem um carrossel mais na frente — nos esperando e precisamos pegar logo o bilhete antes que seja tarde demais.

Pois quem não sobe logo — perde o seu lugar no cavalinho e fica atrás.

Pelo menos, essa é a impressão que querem passar aqui no circo.

Na verdade, nunca precisou se apressar — nem muito menos passar desespero.

Se trata de uma tática do vendedor — para cobrar mais e oferecer menos.

Muito típica deste reino — e muito antiga — a falsa sensação de urgência.

A sensação de urgência — é a melhor amiga da economia da escassez.

Juntos fazem um duo perversamente dinâmico.

Desses criados artificialmente parar nos fazer abrir mão de muita coisa.

Na verdade, aqui no circo sempre abre vaga no último minuto — magicamente.

De fato, para quem espera com calma e fala através do Ser — pode se permitir esse privilegio.

Aqui no circo para ter oportunidades melhores — precisa recusar as migalhas.

De forma incontestável e inquebrantável.

Falar desde o mais profundo da sua Alma.

Absolutamente decidido — sem dar cabimento a dúvidas ou segundas opções.

Mas aqui no circo — isso ninguém pode saber — melhora orar e "manifestar".

Com isso em mente — vamos continuar ao nosso ritmo.

Enquanto o vendedor recalibra a sua maquininha de padrões e inventa coisa nova para tentar nos seduzir.

Vamos ver logo mais como funciona tudo isso.

Aos poucos.

Vamos deixar a maquinha do vendedor recalibrando em quanto isso.